

## O Simbólico ou Da Estrutura Triádica. Estruturalismo e filosofia da Diferença.

O presente artigo consiste em uma reflexão sobre o texto de Gilles Deleuze escrito em 1967, e publicado em uma coleção de História da Filosofia dirigida pelo também filósofo François Chatelet. Em 1974 “*Em que se pode reconhecer o Estruturalismo?*”<sup>1</sup>. Nesse artigo, Deleuze faz uma complexa e completa descrição epistemológica sobre o pensamento estruturalista e sobre a composição e o funcionamento da estrutura em sete critérios, para isso Deleuze se utilizou de seu procedimento de colagem conceitual, colocando em conexão em uma plano conceitual grandes nomes do estruturalismo francês como, Lévi Strauss, Roland Barthes, Michel Foucault e Lacan.

Vamos procurar nesse texto realizar um estudo aprofundando sobre o primeiro critério apontado por Deleuze para o reconhecimento do estruturalismo e de uma estrutura *é a descoberta de uma terceira ordem, de um terceiro reino: o do simbólico*, mas para tratar desse critério objetivamente é necessário que antes seja feita algumas caracterizações sobre como nosso pensamento funciona a partir da relação entre real e imaginário, para somente depois podermos situar o simbólico como terceiro elemento.

Vamos nesse momento voltar a distinção entre real e imaginário, para que possamos explorar melhor esse primeiro problema apresentado no reconhecimento do estruturalismo pelo critério simbólico, como critério que caracteriza a constituição de uma terceira ordem na existência da estrutura. Segundo o autor é prática comum entre os pensadores (filósofos) realizar uma distinção ou até mesmo uma correlação entre real e imaginário, afinal “*todo nosso pensamento mantém um jogo dialético entre essas duas noções*”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> DELEUZE, Gilles. *Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo?* CHATELET, François. *História da Filosofia: Idéias e Doutrinas, volume 8, O Século XX*. São Paulo. Zahar Editora. 1973.

<sup>2</sup> Idem. Pág.272.

Assim quando a filosofia clássica (cânones da filosofia com nomes como Platão, Descartes, Kant e Hegel), tocam no tema da “razão pura” e do entendimento puro, o que esses filósofos estão dizendo é que esse entendimento puro corresponde a uma faculdade que se define por sua capacidade e aptidão de apreender o real em sua profundidade, em sua “real verdade”, o real como ele é de fato, essa ideia de real deve estar em oposição como também em relação aos *poderes da imaginação*.

Mas essa relação de oposição entre real e imaginário não se dá somente no âmbito da filosofia clássica, movimentos artísticos e até científicos também corroboram dessa clivagem. Segundo Deleuze os movimentos artísticos como surrealismo e o simbolismo, o movimento literário chamado de romantismo, possuem “*o ponto transcendente em que real e imaginário se penetram e se unem, ora sua fronteira aguda, como o gume de sua diferença.*”<sup>3</sup> Mas ainda em todas essas maneiras de compreender o homem, o real e o pensamento a oposição entre real e imaginário permanece, ao menos em interpretações mais tradicionais desses movimentos artísticos. Deleuze atribui até mesmo ao freudismo a condição de uma dialética entre real e imaginário quando de sua posição científica para a decodificação dos dois princípios que alimentam nossa consciência: o de *realidade* com sua força de decepção e desencantamento sobre o mundo, em oposição ao princípio de *prazer* com poder de satisfação alucinatório. Ainda sobre métodos científicos que inscrevam-se na oposição real – imaginário o autor cita Jung e Bachelard, e suas complexas relações quanto ao imaginário e o real por comportarem-se como um unidade transcendente pautada num tenso limiar entre a fusão e o corte.

Agora podemos retornar a discussão sobre o simbólico e perceber já de saída, que este critério corresponde já num primeiro plano a existência de uma *linguagem* como objeto estrutural, mas não podemos falar ainda em uma linguagem como espelho entre mundo e signo, que possibilite que algo remeta a outro algo, mas ao contrário, podemos falar em linguagem justamente como o ponto de partida de uma *diferença* entre significado e coisa.

---

<sup>3</sup> DELEUZE, Gilles. *Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo?* CHATELET, François. *História da Filosofia: Idéias e Doutrinas, volume 8, O Século XX*. São Paulo. Zahar Editora. 1973. P. 273.

Não trata-se de um símbolo que estabeleça unidade entre real e imagem, assim é necessário reconhecer primeiro essa diferença que se dá na interação linguística entre coisa-mundo-real e imagem-significado-conceito para que se possa separar deles uma estrutura<sup>4</sup> simbólica que tem sua existência em um *espaço* ordenado por *posições linguísticas* como ocorre na produção de palavras dentro de uma determinada língua, o que confere o *caráter triádico* a estrutura, 1,2,3, real-imagem-posição da linguagem. Williams ao comentar esse primeiro ponto do texto de Deleuze demarca o papel da linguagem no processo de independência e constituição da estrutura para além do real e do imaginário.

“O ponto de Deleuze é que a estrutura é importante porque é algo mais do que compreendemos ser a coisa objetiva ou o que imaginamos serem as coisas. Ao invés disso, a estrutura deve ser independente daquelas coisas, ainda que parte do que as torna completas para o pensamento. A linguagem é o que permite esta independência, mas também esse papel constitutivo.”<sup>5</sup>

Então para além do real e do imaginário, Deleuze nos apresenta o primeiro critério de reconhecimento do estruturalismo como a descoberta de uma terceira ordem como consequência das análises dos “estruturalistas” em não confundir o simbólico com o real, bem como com o imaginário, e assim, reconhecer a primeira dimensão do estruturalismo na posição do filósofo. E nesse sentido, foi somente na ciência da linguística em que existiram condições para que essa dimensão pudesse ser constituída como objeto, uma vez que o simbólico possui sua própria linguagem por ser um critério estruturante na perspectiva de um determinado plano com lugares que são ocupados por elementos em relações diferenciais. Esse simbólico como veremos mais adiante não é coisa, nem imagem, mas sim uma *posição*<sup>6</sup>, trata-se de uma *posição de ordem simbólica*, identificada

<sup>4</sup>Cf: WILLIAMS, James. *Pós – Estruturalismo*. Petrópolis. Editora Vozes, 2013. Pag. 87. Segundo Williams, ao comentar sobre a noção de estrutura no texto de Deleuze, aquele nos indica que o filósofo francês postula como lugar de existência da estrutura o campo da linguagem, assim só pode existir estrutura “(...) onde há linguagem, e não onde haja coisas ou mentes”.

<sup>5</sup>WILLIAMS, James. *Pós – Estruturalismo*. Petrópolis. Editora Vozes, 2013. Pag. 87.

<sup>6</sup> Deleuze afirma que o critério definido por ele como simbólico constitui a “*posição de uma ordem*”, mais profunda que o real e o imaginário, e que portanto trata-se de um local e ou de uma posição, esse será o segundo critério para o reconhecimento do estruturalismo, e será discutido mais a frente, contudo é de difícil definição conceitual esse lugar ou espaço, assim ele não define formalmente em que consiste o elemento simbólico, mas afirma aquilo que este elemento não

na língua como sistema possível de produção de significados pela mudança de elementos menores como os fonemas<sup>7</sup>. Assim coube ao linguista estruturalista descobrir um objeto novo, de natureza completamente diferente daquilo que a ciência e a filosofia já puderam objetivar, o linguista estruturalista descobre o *objeto estrutural*.

“(...) Para além das palavra em sua realidade e em suas partes sonoras, para além das imagens e dos conceitos associados às palavras, o linguista estruturalista descobre um elemento de natureza completamente diferente, objeto estrutural.”<sup>8</sup>

Então o que pode se propor de diferente quanto as análises do elemento simbólico? Segundo Deleuze, como já comentamos é a partir da revelação da ordem

---

pode ser, como uma estrutura, que corresponda a algum elemento simbólico com forma sensível, nem com alguma figura da imaginação, nem como alguma essência passível de inteligibilidade. Cf. *Em que se pode reconhecer o Estruturalismo*. Deleuze, Gilles. 1967. Pag. 275. In. Chatelet, François. Século XX, volume 8. Zahar editora, 1974.

<sup>7</sup> Aqui a referência de Deleuze ao linguista estruturalista que estudou o fonema pode ser interpretada no seguinte sentido. O método estruturalista em linguística como já referenciado na nota 30 sobre o “*corte saussuriano*” comentado por Maria do Rosário Gregolin, tem sua origem atrelada ao *Curso de Linguística Geral* (CLG) de Ferdinand Saussure, a difusão das ideias contidas nesse curso chegaram a França por intermédio de Levi – Strauss, via antropologia, (é curioso notar que as ideias de Saussure chegaram na França primeiro nas ciências humanas e só depois nas ciências linguísticas), contudo Lévi – Strauss só teve contato com essas ideias após seu encontro com o linguista russo citado por Deleuze na primeira página do texto Roman Jakobson em Nova York em 1942. Levi – Strauss, em seu texto de 1958 também já referenciado *Antropologia Estrutural*, vai dar destaque aos estudos fonológicos da linguística como ciência trabalhos que trouxeram os maiores progressos para as ciências não exatas a nível de formalização, e que dessa forma, os êxitos crescentes da fonologia poderiam render a antropologia lições metodológicas essenciais para serem aplicadas ao campo do social. CF: STRAUSS, Levi. “*A Análise Estrutural em Linguística*” e “*Linguística e Antropologia.*” In: *Antropologia Estrutural*. São Paulo. Editora: Cosac Naify. 2008. Pag. 57-86. E Pag. 103-123. Jakobson por sua vez foi o fundador do círculo linguístico de Moscou em 1915, com a tarefa de promover a linguística e poética na Rússia, no caso de Jakobson o grande impulso para os estudos linguísticos foram dados pelo formalismo e pelo futurismo. Foi então somente em 1920, em Praga que Jakobson teve contato com o curso de Saussure, mas a grande e decisiva influência para o desenvolvimento da análise estrutural dos fonemas por Jakobson foi dada pelo príncipe Russo Nicolai Trubetzkoy, que foi o grande estudioso dos *fonemas* e participou de maneira decisiva da renovação dos estudos da linguística como disciplina científica em grande medida graças a seus estudos sobre fonologia. CF: DOSSE, François. *O Homem – Orquestra. Roman Jakobson*. In: *História do Estruturalismo: O Campo do Signo*. Bauru. Editora: Edusc. 2007. Pag. 53-54,93-100.

<sup>8</sup> DELEUZE, Gilles. *Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo?* CHATELET, François. *História da Filosofia: Idéias e Doutrinas, volume 8, O Século XX*. São Paulo. Zahar Editora. 1973. P. 273.

simbólica que surge um terceiro elemento para a construção do entendimento da realidade, assim deve-se evitar o *jogo dialético* da fusão entre real e imaginário, isso torna possível ao simbólico construir uma espécie de terceira ordem com uma função relacional *muito específica* e precisa, pois não trata-se de associar realidade + imagem (1+2) como fusão ou correlação, o elemento simbólico existe como uma *posição* que “costura”, como uma “transa”, um conjunto de elementos dispostos que compõe um quadro estruturado entre o real e a imagem no espaço estrutural e simbólico, esse espaço simbólico possui lugares e posições que por sua vez podem ser entendidos num primeiro momento como uma caracterização ainda básica da estrutura.

Alessandro de Carvalho Sales, em um artigo<sup>9</sup> sobre “*O Problema da Estrutura em Lógica do Sentido*”, sustenta a ideia da qual podemos nos servir para auxiliar a compreender a noção de estrutura, segundo Carvalho Sales, a estrutura corresponde a uma, *ordem espacial dita simbólica*, que tem a função de elo, no sentido de tecer as séries,<sup>10</sup> que as entrelaça no plano do real, e outra no plano do imaginário, e isso é realizado de maneira heterógena, no sentido de guardar a *diferença* entre as séries, e de maneira que não existe reflexão e ou sobreposição de uma sobre a outra. O real tende a ser um, fazer-se um em sua totalidade sempre aberta, já o imaginário é duplo, pois está sempre se desdobrando desse real e seguindo caminhos e variações múltiplas. É nesse sentido que podemos dizer que a ordem simbólica é terceira, é *triádica*, pois como escreveu Carvalho Sales, essa ordem corresponde a um “*entre*”, que tem a responsabilidade própria de fazer o “*movimento desse jogo*”<sup>11</sup>, assim o elemento

<sup>9</sup> Publicado na revista Trans/Form/Ação. Revista do departamento de pós-graduação da Unesp. Trans/Form/Ação, São Paulo, 29(2): 219-239, 2006. Artigo recebido em jan/06 e aprovado para publicação em nov/06. SALES, Carvalho Alessandro. *DELEUZE E A LÓGICA DO SENTIDO: O PROBLEMA DA ESTRUTURA*.

<sup>10</sup> O artigo de Alexandre Salles de Carvalho se propõe a realizar um estudo da noção de estrutura no livro de 1969 *Lógica do Sentido*, no livro a conceito deleuzeano de *série* aparece na sexta-série, uma espécie de sexto capítulo, enquanto o conceito de estrutura aparece somente na oitava série, por isso ele fala em *série* antes de definir a estrutura. Nós, como estamos focados no artigo escrito em 1967 por Deleuze: *Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo*, só iremos comentar sobre as *séries* mais adiante, uma vez que seguindo os critérios do próprio Deleuze o *critério Serial*, correspondentes as *séries* será apresentado somente como quinto critério de reconhecimento do estruturalismo.

<sup>11</sup> Podemos perceber que Deleuze propõe uma interpretação do estruturalismo que o remete ao *jogo*, no sentido de suas ordens de posições que definem os lances dos jogos, seja como um jogo de cartas, quando Deleuze estuda o texto: *A carta Roubada*, de Lacan, ou como referência jogos

simbólico faz as séries circularem pelo espaço estrutural, tornando possível justamente no momento em que a estrutura está em movimento ela se *atualizar*, nesse sentido é que a estrutura se constitui *por e nesse espaço simbólico*, como *puro spatium*.

Assim com pensadores já consagrados nas ciências humanas como Foucault, e esta será a primeira das várias intervenções que Deleuze fará em seu texto usando-o como referência de trabalho Foucault nos anos sessenta. Para Deleuze, Foucault faz uma história arqueológica e não epistemológica, estando para além das histórias dos homens e das histórias das ideias, ele descobre em *As Palavras e as Coisas*, um solo profundo e subterrâneo que vem a constituir o que ele chamou de uma arqueologia do pensamento. Deleuze sugere então que o método de trabalho empregado por Foucault no livro chamado de *arqueologia*, no caso específico de *As Palavras e as Coisas*, uma arqueologia do pensamento refere-se a um “método”<sup>12</sup> praticado por Foucault para escrever *As Palavras e as Coisas*, muito genericamente, podemos dizer que um dos principais objetivos em seu livro foi apresentar a ordem das *Epistemes*, para isso ele procura se utilizar de uma linguagem estruturalista para revelar formas estruturadas do saber em cada período histórico, e demonstrar que grandes formas de pensar como marxismo, fenomenologia e o próprio estruturalismo são formas discursivas determinadas por uma ordem histórica de acomodação dos discursos.

Assim cabe dizer ainda de forma genérica que Foucault recorreu a todo um conjunto de textos, que por sua vez expressam o conjunto *geral* dos códigos culturais sendo particularmente dos discursos científicos que constituíram os objetos empíricos e a linguagem em épocas distintas, esses discursos segundo Foucault estariam sendo regulados por *regras discursivas*<sup>13</sup> que estão fora da consciência plena dos homens.

---

de tabuleiro e suas posições como quando apresenta o critério de *casa vazia*, que será visto mais adiante com referência a Lévi – Strauss por exemplo.

<sup>12</sup> Nota sobre o método arqueológico como um método que possui uma variação na sua prática. CF: MACHADO, Roberto. *Foucault a Ciência e o Saber: A Trajetória do Método Arqueológico*. São Paulo. Editora: Jorge Zahar. 2006.

<sup>13</sup> O conceito de regras discursivas não possui referência explicativa no livro *As Palavras e as Coisas*, mas somente vai aparecer como conceito explicativo para o trabalho de Foucault no livro de 1969, *A Arqueologia do Saber*, quando Foucault procura explicar o seu método de trabalho nos livros anteriores, nesse caso se refere as regras discursivas (*regras de formação*) como uma

O método empregado para tal análise do pensamento humano realizado por Foucault a que Deleuze se refere, é a *arqueologia*, e nesse momento específico de sua trajetória, a arqueologia possui uma tendência<sup>14</sup> ao menos no que se refere a linguagem empregada por Foucault para uma análise do tipo estrutural.<sup>15</sup> Ainda essa única passagem é pouca para sustentar uma afirmação tão forte como a de filiar o pensamento e o trabalho de Foucault ao estruturalismo, outros autores<sup>16</sup> já fizeram trabalhos associativos com relação a aproximação entre arqueologia e o estruturalismo, alguns deste, são trabalhos bem sustentados em seus argumentos, outros nem tanto, mais adiante iremos buscar nesses trabalhos maiores referências para voltarmos a esse tema.

Retornando ao texto de Deleuze podemos acompanhar que em sua argumentação, o reconhecimento do critério simbólico ocorre também por Louis Althusser e seu grupo, ao descobrirem que por detrás dos homens reais e de suas reais relações, ainda por detrás de suas ideologias e relações imaginárias, existe segundo uma perspectiva estrutural um domínio mais profundo como objeto para a ciência e a filosofia, como o sendo o dos *locais*, num espaço topológico estrutural de produção.

Segundo Deleuze, Jaques Lacan irá formular um conceito-imagem sobre um *terceiro pai* que ganha materialidade no *Nome do pai*, mas que vai muito além do pai real, (o pai na carne e na experiência vivida) esse terceiro pai se manifesta em imagens “fantasmagóricas” sobre diversos pais ideais. O que Lacan fez, foi revelar um terceiro pai mais fundamental que o pai-realidade e que os pais-imagens já conhecidos pela psicanálise, a descoberta desse terceiro pai, ou *Nome do Pai* como elemento simbólico significou que, o signo – pai, para nossa consciência não seja composto somente pelo real e pelas imagens de pai, mas pelas tensas perturbações dessa relação, que deve ser pensada como limite de um processo no qual se constituem a partir do simbólico.

---

modalidades de produção das *regularidades discursivas*. Cf: FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro. 2007. Editora: Forense Universitária. Pag. 43.

<sup>14</sup> Nota sobre o livro de Paul Rabinow e Hubert Dreyfus. *Foucault uma trajetória filosófica: Entre o estruturalismo e a hermenêutica*.

<sup>15</sup> Como já foi dito, no próximo capítulo nos ocuparemos de forma mais atenta a esse momento de ascensão de Foucault ao estruturalismo, quando na utilização de procedimentos do tipo estruturalista na arqueologia como método de trabalho.

<sup>16</sup> Nota sobre esses autores.

Já possuímos muitos pais, em psicanálise: em primeiro lugar, um pai real, mas também imagens de pai. Em todos nossos dramas passavam-se nas tensas relações do real e do imaginário. Jaques Lacan descobre um terceiro pai, mais fundamental, pai simbólico ou Nome-do-pai.<sup>17</sup>

Assim, o simbólico está para além da palavra e do som, além do conceito e da imagem, antes, esses constituem uma superfície de contato para que o sujeito crie seus significados. Essa possibilidade trazida pelo estruturalismo para a não redução do pensamento a clássica dualidade entre a ordem do real com o imaginário pelo acesso a uma terceira ordem como o simbólico, desdobrou-se no pensamento acadêmico europeu do pós - guerra em diversas direções e percorrendo diferentes caminhos para sua utilização em diferentes disciplinas, colaborando para que o método estrutural constituisse um caminho heterogêneo de investigações acerca do homem e de seu pensamento.

Dessa forma, segundo Deleuze, o que se convencionou reconhecer sob a égide do estruturalismo de maneira esquemática, foi a possibilidade de se pensar diversos campos de nossa vida social e cultural por várias perspectivas que reconheçam em suas análises o elemento *simbólico*. Podemos assim, extrair uma primeira conclusão sobre o estruturalismo na interpretação de Deleuze, qual seja? A conclusão revelada pela interpretação do tipo da análise estrutural, se opõe a qualquer privilegiamento do real como algo que possa ser demonstrado e experimentado como empiricidade, como também se opõe ao privilégio da imaginação como uma espécie de “poder” que se mantém em relação ao real como que indo além de seus limites. Logo, o *estruturalismo* para o filósofo não deve tratar do que pode ser mostrado, ou do que pode ser imaginado sobre o que deve ser mostrado, mas antes, o estruturalismo na posição de Deleuze e até o que nos foi apresentado em seu texto, trata das condições estruturais para o real e para a imaginação, fazendo com que o *pensamento* possa se libertar das referências tanto de uma realidade ilusória como quanto de uma limitada imaginação humana.<sup>18</sup>

<sup>17</sup> Deleuze, Gilles. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*. Deleuze, Gilles. 1967. Pag. 273. In. Chatelet, François. Século XX, volume 8. Zahar editora, 1974.

<sup>18</sup> Essa ideia é sustentada por James Williams no livro que estamos nos apoiando para esse texto.



Para Deleuze foi Lacan em seus *Écrits*, quem mais longe levou de forma original as análises de distinção entre imaginário e simbólico, esta distinção inclusive encontra-se segundo o filósofo francês em todos aqueles que se reconhecem como estruturalistas, o que revela a importância dada a noção de ordem simbólica como característica da estrutura. Deleuze sustenta que para Lacan, assim como para outros estruturalistas, o simbólico como elemento de uma determinada estrutura está no “(...) princípio de uma gênese (...)”<sup>19</sup>. O que ele quer dizer com isso? A resposta sugerida por nós concerne ao fato de que a estrutura, instala-se no quadro conceitual de Deleuze não como um materialismo puro, no qual a estrutura deriva da realidade, e ou das imagens como subprodutos dessa realidade, mas antes disso, a estrutura ganha vida ao se *encarnar* nas realidades vividas e nas imagens pensadas, a estrutura constitui na verdade tanto um espaço para posições da realidade quanto para as imagens, sendo a um só tempo “(...) subsolo para todos os solos do real como para todos os céus da imaginação.”<sup>20</sup>, assim temos na estrutura *o espaço para posições* ocupadas por elementos simbólicos diferenciados do real e do imaginário, sendo antes, *o espaço estruturado mais profundo que realidade e imagem*.

## CONCLUSÃO

Portanto podemos aceitar que o primeiro critério de reconhecimento do estruturalismo consiste na caracterização parcial da estrutura *como posição de uma ordem simbólica*, que não é de maneira nenhuma redutível ao tanto a ordem primeira do real,

---

Williams também assinalou em sua leitura de Deleuze, que o primeiro passo para libertar o pensamento estruturalista das recorrências fixas do significado entre real e imaginação, ou seja, (1 + 2), seja a dedução de um terceiro termo: a Estrutura (3). *A estrutura como um espaço*, um “entre”, um local, uma *posição de ordem simbólica* não tem nada a ver com a unidade da coisa “real” e “percebida” (1 + 2), mas ao contrário, o símbolo quando empregado por Deleuze não é uma representação do imaginário bem definida, pois não possui a divisão interna da coisa imaginada (no caso a distinção da consciência representativa entre a imagem e a coisa imaginada), pois se a estrutura se reduzisse a essa condição, não haveria valor de superioridade em profundidade por parte da estrutura em relação a realidade e imagem. A estrutura seria antes, uma forma meramente de referência para compreensão representativa entre aquilo que é imaginado e aquilo que a imagem deveria se projetar e referir, ou seja, a coisa real, o próprio empírico. É nesse sentido que o estruturalismo libera um terceiro elemento, a própria *estrutura como espaço*. Cf: WILLIAMS, James. *Pós – Estruturalismo*. Petrópolis. Editora Vozes. 2013. Pág. 88-89.

<sup>19</sup> Deleuze, Gilles. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*. Deleuze, Gilles. 1967. Pág. 274. In. Chatelet, François. Século XX, volume 8. Zahar editora, 1974.

<sup>20</sup> Idem.

nem a ordem segunda do imaginário. É importante dizer que essa caracterização é parcial no sentido em que Deleuze ainda nada nos disse sobre em que consiste os elementos simbólicos dessa estrutura. Mas por ora podemos dizer que a estrutura pode ser caracterizada enquanto *posição de ordem simbólica* da seguinte maneira.

Podemos dizer, pelo menos, que a estrutura correspondente não tem nenhuma relação com uma forma sensível, nem com uma figura da imaginação, nem como uma essência inteligível. Nada a ver com uma forma: porque a estrutura de forma alguma se define por uma autonomia do todo, por uma pregnância do todo sobre as partes, por uma *Gestalt* que se exerceria no real e na percepção; estrutura se define, ao contrário, pela natureza de certos elementos atômicos que pretendem dar conta ao mesmo tempo da formação dos todos e da variação de suas partes. Nada a ver também, com figuras da imaginação, embora o estruturalismo seja inteiramente penetrado de reflexões sobre a retórica, metáfora e a metonímia; porque essas próprias figuras implicam deslocamentos estruturais que deve dar conta ao mesmo tempo do próprio e do figurado.<sup>21</sup>

Fica claro então que o estruturalismo não tem nada a ver com um tipo de pensamento que remeta a descoberta da essência de algum determinado objeto, justamente pelo fato de que se Deleuze reconhece como primeiro critério estrutural o simbólico como uma forma de linguagem, podemos nos apoiar na passagem do filósofo sobre as *Proposições em Lógica do Sentido*, e situarmos como o espaço de privilégio para a função da linguagem o tratamento dos efeitos de superfície dos acontecimentos, do que o da significação e determinação de suas essências<sup>22</sup>. Podemos entender que o estruturalismo também não seja uma forma de pensar que procure uma essência estruturante em algum domínio. O estruturalismo não procura por essências porque a estrutura se compõe como uma combinatória que se refere a elementos formais<sup>23</sup>, como

<sup>21</sup> DELEUZE, Gilles. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*. Deleuze, Gilles. 1967. Pág. 275. In. Chatelet, François. Século XX, volume 8. Zahar editora, 1974.

<sup>22</sup> DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo. Editora: Perspectiva. 2009. Pag. 13-14. Essa relação pode ser um equívoco apressado de minha leitura.

<sup>23</sup> É bem difícil a classificação tipológica da estrutura a partir de seus elementos, pois segundo Deleuze esses elementos formais, “em si mesmos, não tem forma, nem significação, nem representação, nem conteúdo, nem realidade empírica dada, nem modelo funcional hipotético, nem inteligibilidade por detrás das aparências (...)” Cf: DELEUZE, Gilles. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*. Deleuze, Gilles. 1967. Pág. 275. In. Chatelet, François. Século XX, volume 8. Zahar editora, 1974.

fez bem Louis Althusser em demonstrar, segundo Deleuze o filósofo marxista “*assinalou o estatuto da estrutura como idêntico a própria “Teoria” – e o simbólico deve ser entendido como a produção do objeto teórico original e específico.*”<sup>24</sup>

Toda essa caracterização do estruturalismo até aqui revelaram dois grandes traços da análise estrutural, por um lado tem-se o traço mais agressivo dessa forma de pensamento, pois ao apresentar a categoria do simbólico como objeto de análise os estruturalistas *denunciam* um profundo desconhecimento sobre o pensamento humano para além de realidade e imaginário. Mas também outro traço é revelado, esse por sua vez, é menos agressivo e mais interpretativo quanto ao processo de releitura e renovação da interpretação, “*e pretende descobrir um ponto original onde se faz a linguagem, elaboram-se as obras, unem-se as ideias e as ações.*”<sup>25</sup> Assim obras e unidades do pensamento como freudismo e o marxismo com grande influência sobre os estudos em ciências humanas podem ser relidas a luz de uma nova abordagem mais profunda. E mais ainda, segundo Deleuze são as próprias obras míticas, filosóficas e poéticas que estão sujeitas a uma grande reinterpretação estrutural. Mas o detalhe é que esse movimento (re)-interpretativo só possui valor na medida em *que anima obras novas*, ou seja, como já alertou Roberto Machado<sup>26</sup>, sobre o papel da filosofia e do pensamento para Deleuze como agentes criativos de novas obras e novos pensamentos, uma vez que o simbólico é fonte de uma inseparável interpretação e viva criação, no sentido em que para Deleuze o estruturalismo enquanto forma de pensamento não deve se posicionar contra outras obras e outros pensamentos, isso não é importante, mesmo que a ciência recorra a essa estratégia, o que importa ao estruturalismo na posição de Deleuze é que *ele possibilite enquanto pensamento a criação de algo novo*<sup>27</sup>.

<sup>24</sup> DELEUZE, Gilles. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*. Deleuze, Gilles. 1967. Pág. 275. In. Chatelet, François. Século XX, volume 8. Zahar editora, 1974.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Segundo Roberto Machado, a filosofia, como a ciência, a arte, e a literatura, se definem para Deleuze por sua capacidade e por seu valor de criação, no que toca a filosofia o que importa é criar conceitos. Cf: MACHADO, Roberto. *Deleuze e a Filosofia*. Rio de Janeiro. Editora. Graal. 1990. Pag.4.

<sup>27</sup> DELEUZE, Gilles. *Em que se pode reconhecer o estruturalismo*. Deleuze, Gilles. 1967. Pág. 276. In. Chatelet, François. Século XX, volume 8. Zahar editora, 1974.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

ALLIEZ, Éric. *Deleuze filosofia virtual*. São Paulo. Editora trinta e quatro. 2000.

ALTHUSSER, Louis. *Ler o Capital*, obra coletiva, Tomo II. 1965. Edições Maspéro.

CARDOSO JUNIOR, Hélio Rebello. *Enredos de Clio: pensar e escrever a História com Paul Veyne*. São Paulo. Ed: Unesp. 2003.

CHATELET, François. *História da Filosofia: Idéias e Doutrinas, volume 8, O Século XX*. São Paulo. Zahar Editora. 1973.

COELHO, Prado Eduardo. *Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos*. In: *Estruturalismo: Antologia de Textos teóricos*. São Paulo. Editora: Martins Fontes. 1967.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro. Editora Graal. 2006. Tradução: Luiz Orlandi e Roberto Machado

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Editora. Brasiliense. 2005.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo. Editora Perspectiva. 2011.

DELEUZE, Gilles. *A Ilha Deserta e outros textos*. Les Éditions de Minuit. 2002.

DELEUZE, Gilles. *O Atual e o Virtual*. In: ALLIEZ, Éric. *Deleuze filosofia virtual*. São Paulo. Editora trinta e quatro. 2000. Pág.

DELEUZE, Gilles. *Em que se pode Reconhecer o Estruturalismo?* CHATELET, François. *História da Filosofia: Idéias e Doutrinas, volume 8, O Século XX*. São Paulo. Zahar Editora. 1974.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo. Martins Fontes. 2007.

GREGOLIM, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso. Diálogos e Duelos*. São Carlos. Editora Claraluz, 2006.

JUNIOR, Bento Prado. *A Ideia de Plano de Imanência*. In: ALLIEZ, Éric. *Gilles Deleuze: Uma vida Filosófica*. São Paulo. Editora trinta e quatro. 2000.

LACAN, Jaques. Seminário: *A Carta Roubada*. 1956. In: *Écrits*. Paris: Seuil. 1966.

LEPARGNEUR, Hubert. In: *“Introdução aos Estruturalismos”*. São Paulo. Editora Herder: 1972

MACHADO, Roberto. *Foucault, A Ciência e o Saber*. Rio de Janeiro: Ed. JZE. 2006.

MACHADO, Roberto. *Foucault, A Filosofia e a Literatura*. Rio de Janeiro: Ed. JZE. 2001.

MACHADO, Roberto. *Deleuze e a Filosofia*. Editora. Graal. Rio de Janeiro. 1990.

MACHADO, Roberto. *Deleuze a Arte e a Filosofia*. Rio de Janeiro. Editora: Zahar. 2009.

ORLANDI. B. L. Luiz. *Linhas de Ação da Diferença*. In: ALLIEZ, Eric. *Gilles Deleuze, Uma Vida Filosófica*. São Paulo. Editora trinta e quatro. 2000.

PELBART, Peter Pál. *O tempo não Reconciliado*. São Paulo. Editora: Perspectiva. 2015.

PETER, Michael. *Pós-Estruturalismo e Filosofia da Diferença*. Editora Autentica. Belo Horizonte. 2010.

SALES, Carvalho Alexandre. *DELEUZE E A LÓGICA DO SENTIDO: O PROBLEMA DA ESTRUTURA*. Publicado na revista Trans/Form/Ação. Revista do departamento de pós-graduação da Unesp. Trans/Form/Ação, São Paulo, 29(2): 219-239, 2006. Artigo recebido em jan/06 e aprovado para publicação em nov/06.

STRAUSS, Lévi. *A Estrutura dos Mitos*. In: *Antropologia Estrutural*. São Paulo. Editora: Cosac Naify. 2008.

WILLINAMS, James. *Pós-Estruturalismo*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2013.